

A conceptualização da actividade mental na língua portuguesa

O presente trabalho faz parte de um projecto científico realizado com o apoio financeiro da associação académica Collegium Invisibile e da Fundação para a Ciência Polaca (Fundacja na Rzecz Nauki Polskiej).

Baseando nos princípios das teorias da conceptualização de conceitos abstractos elaboradas pela linguística cognitiva, podemos supor que a conceptualização da actividade mental, também definida como conceito abstracto, aproveita esquemas analógicos universais para várias línguas. O presente trabalho não tem carácter comparativo e, por conseguinte, não pode incluir diferenças resultantes dos condicionamentos culturais, históricos ou sociológicos. Porém, pode ser aproveitado como ponto de partida para uma análise comparativa de várias línguas românicas.

1. Introdução

Desde a publicação, em 1980, do livro *Metaphores We Live By* de George Lakoff e Mark Johnson a ideia da metáfora conceptual tornou-se um tema cada vez mais popular e mais discutido pelos linguistas. Surgem vozes da crítica que sublinham as falhas da teoria inicial da primeira geração de estudiosos. Apesar disso, o essencial não muda: na abordagem cognitiva a metáfora é conceptual por natureza, que é uma das características da nossa mente que organiza o nosso conhecimento, “é uma operação intelectual

que consiste em pensar um domínio de experiência em termos de outro” [Mineiro, 2005: 53]. Por isso a presença das metáforas conceptuais na língua é independente do tipo da língua, o que nos permite realizar análises como a presente. É universal para todos os homens, pois a linguagem não é uma faculdade autónoma porque faz parte da cognição humana [Matos Amaral, 2001: 241].

A linguagem metafórica é apenas uma manifestação superficial de metáforas mais profundas que ajudam a compreensão dos conceitos abstractos em termos de outros, mais concretos. P. ex. nas expressões: *batalha nas eleições*, *ataque da oposição* a vida política é fixada pela imagem da guerra¹:

O problema é que, entretanto o eleitorado lepenista viu o chefe idolatrado hesitar bastante perante a *batalha das eleições* legislativas antecipadas, e depois recusar a peleja.

Desde esse momento, o *ataque da oposição* tem-se tornado mais agressivo.

Conforme a tradição, os dois domínios que fazem parte da metáfora chamam-se o domínio-fonte, que é uma fonte das interferências, e o domínio-alvo, ao qual as interferências se aplicam (o processo da criação das interferências foi nomeado mapeamento). Assim, o modelo baseia-se numa projecção conceptual entre dois domínios acima mencionados [Matos Amaral, 2001: 67]. O domínio-fonte é normalmente um conceito mais concreto, sobre o qual temos um conhecimento bem organizado, o domínio-alvo é algo abstracto, menos organizado. Na prática, usamos maiúscula e a forma de transcrição $X \text{ É } Y$ para representar a metáfora conceptual, onde X é domínio-alvo e Y domínio-fonte. Então as expressões acima mencionadas são exemplos da metáfora $A \text{ POLÍTICA É GUERRA}$, onde existem várias interferências: políticos são soldados, eleições são batalhas, disputas são lutas etc. Vale a pena salientarmos que nem todos os elementos dos domínios têm de ser mapeados e que um domínio-alvo pode ter vários domínios-fontes e assim ser “explicado” de várias maneiras que sublinham outros aspectos (esta característica chama-se focalização),

¹ Os exemplos encontraram-se em www.linguateca.pt – centro de recursos para o processamento computacional da língua portuguesa (3.05.2009) ou foram propostos por falantes nativos.

e, ao contrário, um domínio-fonte pode servir como fonte para muitos domínios-alvos diferentes. P. ex. encontramos na língua expressões que justificam a existência da metáfora A POLÍTICA É TEATRO: *regressar à / entrar na / actuar na cena política, novas figuras da cena política nacional*:

Mas a renúncia de Jacques Delors, em Dezembro, fornece-lhe a ocasião de *regressar à cena política*.

Mais uma mulher acaba de *entrar na cena política* asiática e é diferente de todas as outras.

Hoje, não são os partidos que *actuam na cena política*, mas movimentos de tipo diverso, como o «Rússia Democrática», as frentes populares.

Soube-se entretanto que o pintor se preparava para denunciar o envolvimento de importantes *figuras da cena política* moçambicana [...].

A guerra e o teatro podem também funcionar como domínios-fontes para a conceptualização da vida. A VIDA É GUERRA: *lutar pela sobrevivência*, A VIDA É TEATRO: o conceito de *máscara*:

O que marcou decisivamente a minha vida foi esta excessiva vontade de amar, perdoar e *lutar pela sobrevivência*.

Por baixo dessa *máscara* cruzam-se sentimentos que vão de um vago receio ao pânico que invade as noites de algumas famílias.

Na maioria dos casos a representação da metáfora conceptual X É Y não existe *explicité* na língua, formamo-la analisando as expressões e palavras da língua (por isso dissemos que a língua é só uma manifestação superficial das metáforas). P. ex. no caso da metáfora AMOR É UMA VIAGEM, a expressão que representa a metáfora não existe na língua quotidiana, pois entendemos o que significa: *seguir caminhos diferentes, a nossa relação afundou-se*:

Amigos verdadeiros nunca se separam, apenas *seguem caminhos diferentes*.

Você me segurou em pé por muitas vezes mas agora está na hora de *seguirmos caminhos diferentes*.

As relações afundam-se quando atingem o ponto em que o casal pensa que já se conhece.

Dá para a *relação* conjugal *ir afundando*, se deteriorando, é um passo.

Para mostrar que a metáfora não aproveita todas as possibilidades que o domínio-fonte oferece, podemos imaginar a expressão que seria uma extensão mais “poética” das interferências entre os domínios da metáfora AMOR É UMA VIAGEM:

A minha relação vai de mal a pior, quero sair dela/ já não há caminhos para voltar!

A metáfora TEMPO É DINHEIRO, por sua vez, além de se realizar nos exemplos seguintes:

A Agência Espacial Europeia terá agora de *gastar tempo* e dinheiro para corrigir o problema.

Há melhoramento na logística, que podem *poupar tempo*, recursos e vidas humanas.

Funciona também como provérbio, sendo expressa *explicité* na língua.

Vale a pena mencionarmos também estruturas chamadas esquemas imagéticos que, de acordo com teorias de certos linguistas como Mark Johnson, são fontes principais do discurso sobre o abstracto. Os esquemas imagéticos são representações da experiência sensoriomotora do homem como os movimentos do nosso corpo, a manipulação dos objectos etc. Os esquemas não são ligados a uma só reacção, são como modelos que surgem da nossa experiência, são esqueléticos e gerais. Como mais importantes podemos mencionar os seguintes esquemas imagéticos: RECIPIENTE, OBJECTO, CAMINHO, EQUILÍBRIO, SUPERFÍCIE, PROCESSO, CENTRO-PERIFERIA. Estes esquemas aparecem também na conceptualização da actividade mental, pois de acordo com uma das partes mais importantes da teoria da metáfora conceptual falamos sobre o abstracto nos termos do concreto. Daí a conceptualização do que é mental como uma coisa física [Taylor, 2002: 625; Kopka, 2002: 14-43].

A presente análise tem por objectivo examinar como conceptualizamos a actividade mental, que tipo de palavras, expressões usamos referindo-nos aos processos da compreensão, de estudar, resolver problemas, pensar etc. Aproveitando várias fontes mencionadas nas referências bibliográficas, encontraram-se palavras e expressões da língua portuguesa relacionadas com a actividade mental. No processo de análise, concentrámo-nos prin-

cialmente na etimologia das palavras, dado que o processo da extensão metafórica do sentido parece muito importante mas pouco estudado do ponto de vista da diacronia [Jäkel, 2003: 43]. É importante salientarmos que a extensão metafórica do sentido é um processo que começou cedo – no caso da língua portuguesa, e também de outras línguas românicas, é o latim que no-lo prova.

2. O objecto e as suas características na conceptualização da actividade mental

Como já mencionámos, a conceptualização dos objectos abstractos como objectos físicos parece ser um processo natural, presente em todas as línguas, pois depende dos processos mentais e não da língua que usamos. A metáfora universal O ABSTRACTO É FÍSICO permite que também os nossos pensamentos, processos mentais, problemas para resolver sejam representados na língua como objectos físicos. Antes de analisarmos mais profundamente exemplos das submetáforas que têm a sua fonte na metáfora acima mencionada, vejamos as características do objecto físico.

2.1 O objecto

O substantivo *objecto* é continuação do latim “*obiectum*”² que significava uma coisa lançada adiante, situada em frente. Este elemento do significado já não se nota na língua portuguesa mas tem a sua importância. Se uma coisa está em frente de alguém, pode ser facilmente examinada pela vista e pelo tacto. São estes dois sentidos que se usam mais para constatar as características principais de um objecto como a sua forma, a sua cor, o seu peso, o tipo de superfície etc. O significado principal da palavra *objecto* é então ‘uma coisa material’. Designamos como objectos também as coisas

² Do verbo latino “*ob-icio*”, onde o prefixo “*ob-*” significa *adiante* e o verbo “*icere*” *lançar*.

transformadas ou feitas pelo homem (p. ex. *objectos de arte*). Objectos podem ser então efeitos da actividade manual do homem.

Vale a pena mostrarmos aqui que o objecto tem a ver também com a actividade mental. Quando falamos sobre o assunto de uma investigação podemos dizer:

Podemos então ficar descansados, que a Constituição tem sido *objecto do nosso estudo* não vai ser assim tão alterada.

Temos acentuado, [...], a necessidade da uniformidade dos critérios de arbitragem, para que um determinado lance da partida não possa ser *objecto de decisões* diferentes [...].

Nos exemplos citados o substantivo *objecto* indica que existe uma matéria à qual nos referimos e que tentamos conhecer ou fazer com que alguém a conheça melhor. Analogicamente, a palavra *assunto*, do ponto de vista etimológico, relaciona-se com o trabalho manual, pois no latim “*assumptum*” provinha do verbo “*assumo, assumere*” que significava ‘tomar mais (sobre si)’.

Podemos então concluir que no nosso caso a metáfora universal O ABS-TRACTO É FÍSICO pode ser representada pela forma OS PROCESSOS MENTAIS SÃO OBJECTOS FÍSICOS.

2.2 ○ objecto e a visão

Na maior parte dos casos, o acto de ver algum objecto antecede ao de o tocar. De acordo com a nossa opinião, a metáfora SABER É VER, apresentada por Jäkel [2003: 211] como não ligada à metáfora OS PROCESSOS MENTAIS SÃO OBJECTOS, pode ter a ver com o esquema de OBJECTO. Examinando um objecto só através da visão imediatamente recebemos várias informações sobre a sua forma, cores etc. Mas, na maioria dos casos, ambos os sentidos – a visão e o tacto – são usados ao mesmo tempo para examinar um objecto. Ver alguma coisa não quer dizer só reconhecer o que é, muitas vezes o processo de ver e o processo de examinar, analisar são simultâneos. Por isso, parece-nos que a extensão metafórica do sentido do verbo *ver* para *ponderar, compreender* é um processo muito popular em várias línguas e também em português (em inglês temos p. ex. “I see” no

sentido do 'compreendo'). Na língua portuguesa *ver* pode significar *ponderar, deduzir, calcular, prestar atenção, conhecer*. Também o verbo *considerar* provém do "considero, considerare" que no latim significava 'observar':

[...] Declarámos logo na primeira Assembleia Geral que não queríamos nunca assumir a presidência, por isso não *vejo* como é que a nossa posição pode ser dominante.

Se o Parlamento está em condições de reunir a maioria dos 3/5 sobre a revisão da Constituição, não *vejo* por que é que irei complicar as coisas com um referendo.

Não *vejo* ninguém capaz de lhe tomar o lugar.

Quando observamos alguma coisa, são importantes as condições que podem influenciar a qualidade da observação. Neste caso, a presença da luz é muito importante. Jäkel [2003: 212] afirma que a percepção óptica serve como domínio-fonte para a conceptualização do processo da compreensão. Analisando o sentido metafórico do adjectivo *claro*, afirma que o objecto é a fonte da luz. Nós, porém, discordamos desta afirmação: o objecto é visível – se fosse a fonte da luz, seria mais difícil vê-lo e examiná-lo. O facto que na língua portuguesa, o adjectivo *claro* pode referir-se também ao objecto é possível graças à metonímia: o objecto é claro porque o ambiente onde se encontra é claro. Vejam-se os exemplos seguintes:

É *claro* que uma empresa tem que ter os seus objectivos de curto prazo.
Os CTT constituem um exemplo *claro* deste último caso.

Vale a pena realçarmos que, quanto aos processos mentais, normalmente usamos o adjectivo *claro* quando alguém não percebe alguma coisa e precisa de explicação. Então precisa de alguém que *esclareça* o problema ou, literalmente, dê luz para o ver / entender melhor:

Uma das preocupações claras do manifesto é *esclarecer* que o congresso não concorre no plano dos partidos políticos.

Não é o objecto / o problema que emite a luz mas sim a luz / a explicação provém de uma fonte externa. Em português existe também uma expressão: *tornar claro* com o mesmo sentido:

Pequim *tornou claro* que não toleraria isso.

Aqui também nos parece que é mais fácil tornar alguma coisa mais clara com ajuda de uma fonte de luz externa do que fazer o objecto, que segundo Jäkel brilha, luzir mais. Podemos apoiar a nossa teoria com outras expressões:

Os estudos feitos até agora permitiram *lançar uma nova luz* sobre o retábulo. [...] algumas justificações surgirão fazendo *incidir uma nova luz* sobre os acontecimentos.

Este facto vem *trazer nova luz* às formas de combate à doença do sono que ameaça cerca de 25 milhões de pessoas no continente africano.

A presença da preposição *sobre* indica que a luz não está ligada ao objecto. A origem desta expressão deve ser investigada mais profundamente. É altamente provável que seja um empréstimo, pois a expressão é universal para a maioria das línguas europeias.

É correcto usarmos com o mesmo significado, mas mais restritamente, o adjectivo *transparente*. Este também se refere ao ambiente onde está situado o objecto: o ambiente deixa atravessar -se pela luz e ver os objectos através de si:

Mesmo que os custos directos sejam superiores às receitas directas, prefiro que isso seja *transparente* à opinião pública.

Ensinar também é um processo mental – por isso podemos propor aqui o exemplo do termo *iluminação* que se tornou muito usado no século XVIII, o chamado Século das Luzes. O verbo *iluminar* usa-se na língua portuguesa no sentido metafórico de fazer saber, pertencendo ao estilo erudito:

Essa política segue o conceito criado por Grundtvig – *iluminação do povo*.

Continuando, no caso do substantivo *argumento* e outras palavras pertencentes ao mesmo campo lexical, como *arguto*, *argumentar*, *arguir*, a etimologia indica-nos a referência ao processo relacionado com a luz, pois a raiz “arg-” exprime o brilho, a clareza. Este sentido primário e não metafórico permaneceu até hoje p. ex. na palavra *argênteo*.

Para acabar, na língua portuguesa existem expressões que aproveitam o sentido da visão para se referir aos processos de opinar e avaliar:

Tem-se a impressão que, apesar de tudo, que Inglaterra vive noutro mundo: quanto ao fundo da questão, não tem o mesmo *ponto de vista* que os outros. Vocês não se afligiam tanto se vissem o problema *sob outro prisma*.

2.3 O peso do objecto

Vários processos mentais podem ser concebidos como coisas físicas cujos traços adquirem, como p. ex. o peso ou a forma. Encontramos muitos exemplos que justificam este processo. Começemos pelos verbos que descrevem processos mentais e têm a ver com o peso. Do verbo latim “pensare” evoluíram em português duas formas: *pesar* e *pensar*. O *pensar* mantém só o sentido figurativo deste verbo: ‘formar ideias, reflectir’, o *pesar* pode ser utilizado no sentido literário de ‘determinar o peso’, mas também no sentido figurativo: ‘examinar atentamente, ponderar’. O verbo *pensar* que seria talvez o mais universal para exprimir qualquer actividade mental mostra que o peso do objecto é uma das primeiras e mais importantes características que está presente na conceptualização dos processos mentais. Podemos justificar esta afirmação com mais exemplos. No latim, “examen” significa a parte da balança que indica o peso. Então também o verbo *examinar* é etimologicamente relacionado com a determinação do peso de objectos. O verbo *ponderar* que tem vários significados relacionados com os processos mentais como p. ex. ‘ter em consideração, ter em atenção’, provém do substantivo “pondo” que significa unidade de peso utilizada pelos Romanos. A mesma etimologia refere-se ao verbo *deliberar* que no latim significava a determinação do peso e o processo da ponderação. O prefixo *de-* significa aqui ‘completamente’ e o radical “liberar” provém da palavra “libra” que quer dizer ‘balança’. Vale a pena salientar mais uma vez que estes verbos adquiriram o sentido metafórico já na língua latina, mas, como facilmente se nota, a maioria deles apresenta hoje só o sentido figurativo.

Naturalmente os derivados dos verbos acima mencionados têm sentidos relacionados com processos mentais. Para acabar esta parte da nossa análise, temos que mencionar o adjectivo *importante*. Também neste caso é o peso de um objecto que, aumentando (do latim “importo, importare” = ‘trazer para cá’) torna o objecto mais significante. Assim, um dos significados do substantivo *peso* é ‘importância’.

Podemos concluir que a metáfora geral OS PROCESSOS MENTAIS SÃO OBJECTOS tem uma submetáfora A IMPORTÂNCIA É PESO.

2.4 A forma do objecto

O objecto possui uma forma que, dependendo do material, pode ser transformada pelo homem ou por vários instrumentos usados por ele. Podemos supor que os adjectivos que descrevem a forma do objecto de um modo geral são o *simples* e *complicado*. Ambos os adjectivos podem ser usados no sentido concreto e abstracto, referindo-se também à actividade mental: *simples* – ‘fácil de compreender, claro’; *complicado* – ‘em que há complicação, difícil’. O *simples* provém do adjectivo “sim|plex” que descreve um objecto não composto por vários elementos interligados. *Complicado* é participio do verbo *complicar* que provém do latino “complico, complicare” que significava ‘reunir, introduzir novos elementos’. A extensão metafórica do sentido é bem visível.

Os objectos com uma forma têm também lados. Para ver melhor todos os lados do objecto podemos virá-lo (cf. a expressão *por um lado... por outro lado*) mas podemos também mudar a sua forma. Assim, o verbo *formar*, apesar de ter o sentido concreto, pode ser usado metaforicamente, como no caso de *formar ideias*:

Os agentes de segurança, *por um lado*, e as mulheres, *pelo outro*, são cada vez mais alvos preferenciais dos grupos armados.

Conhecer o mundo é de certo modo *formar ideias* sobre esse mundo.

Para acabar, mencionemos um exemplo relacionado com a decomposição. Da palavra grega “análysis” (‘dissolução’) provém as formas *análise* e *analisar*. A compreensão profunda de um problema pode ser então conceptualizada como decomposição de um todo em partes.

Podemos concluir que os lexemas e expressões acima mencionadas são representantes das submetáforas: A COMPLEXIDADE ABSTRACTA É COMPLEXIDADE FÍSICA e A ACTIVIDADE MENTAL É UM TRABALHO FÍSICO.

2.5 A manipulação do objecto

Se pensamentos e problemas podem ser conceptualizados como objectos, a actividade mental pode estar relacionada com a aproximação dos objectos. Analisemos aqui alguns verbos relacionados com a manipulação do objecto.

Para começar, vejamos os exemplos seguintes:

Mas isso não nos permite ir caminhando neste estado de coisas, de atropelo em atropelo, sem *achar a solução*.

Aconselharam-me a *procurar uma solução* através do Procurador-Geral.

Feitas as contas, falta ainda *encontrar uma solução* para cerca de 100 famílias.

Nestes exemplos a actividade mental consiste na resolução de um problema. Para atingir o fim temos que *encontrar, achar* a solução.

Na língua portuguesa, a maioria dos verbos relacionados com a actividade mental como *compreender, perceber, conceber, aprender* tem que ver com a manipulação dos objectos. Mostra-no-lo a etimologia dos ditos verbos:

- *compreender, compreensão* < *cumprehendere*: cum + *prehendere* (pegar consigo),
- *perceber, percepção* < *percipere* (levar, pegar),
- *conceber, concepção* < *concipere* (levar consigo),
- *aprender, apreensão* < *apprehendere*: ad (a, à direcção de) + *prehendere* (pegar)

Do mesmo modo, a etimologia do adjectivo *inteligente* e do substantivo *inteligência* mostra a presença desta metáfora na língua, pois as ditas palavras provêm do verbo “*intellegere*” (‘escolher’): “*inter + legere*” (‘levar’).

O facto de conceptualizar a compreensão como acto físico de tomar algo explica a evolução metafórica de alguns adjectivos ou expressões que significam a rapidez que neste caso vão tomar o sentido do *inteligente*:

Quem matou quem, não passa de uma questão secundária, e o leitor *perspicaz* já terá com certeza adivinhado tudo lá para o meio da história.

Para compreender algo, precisamos de analisar a sua complexidade. Para designar o acto de encontrar a solução de um problema, a língua

portuguesa aplica o verbo *resolver* ligado a uma actividade física não necessariamente relacionada com objectos senão com um barbante ou um cordel. No caso do verbo *decidir*, proveniente do latino “decido, decidere”, que significava ‘cortar’, a interpretação é analógica.

Os verbos relacionados com a deslocação de objectos, como *tomar*, *levar*, *apanhar*, etc. descrevem fenómenos físicos e abstractos. No nosso corpus de exemplos deparamos com expressões como *tomar café*, *tomar uma pastilha*, *tomar alguém pela mão*, etc. No entanto, não faltam casos como *tomar uma decisão* ou *tomar juízo*. Uma análise mais aprofundada da estrutura esquemática do verbo *tomar* permitiria distinguir o seu modelo cognitivo. Não sendo este o tema principal do nosso trabalho, incluíamos aqui apenas alguns aspectos do seu campo semântico que dizem respeito à actividade mental. Neste campo semântico inclui-se o significado equivalente a ‘compreender de determinada maneira’, ‘interpretar’, ‘fazer determinado juízo acerca de algo’:

Tomou as suas palavras como um elogio.

Não tomes isso por certo.

Na expressão *tomar uma decisão*, por exemplo, prevalece o sentido do nome à sua direita, onde o verbo *tomar* é considerado o verbo suporte de predicação. Assim, apoia flexionalmente esse nome que é o verdadeiro núcleo semântico e o significado corresponde a verbo de sentido pleno *decidir* [Casteleiro, 2001: 3581]. Observamos o mesmo fenómeno no caso dos verbos não abstractos como *banhar-se* (*tomar banho*), *emendar-se* (*tomar emenda*), *dirigir-se* (*tomar a direcção*). Analogicamente, apesar da sua estrutura formal diferente, o significado da expressão *tomar em consideração* (onde o segundo elemento não funciona como complemento do objecto directo) equivale ao verbo *considerar*. A expressão *tomar juízo* segue o mesmo modelo, manifestando, no entanto, outros valores semânticos, como ‘emendar os seus erros’ determinados pelo contexto:

Minha mãe sempre falou para eu tomar juízo, mas eu nunca saquei o que ela queria dizer com isso.

Quando já temos o objecto ña nossa mão, podemos pô-lo num recipiente para usá-lo mais tarde. A submetáfora A MENTE É RECIPIENTE é também muito importante na conceptualização da actividade mental, o que provam os exemplos:

Um homem, um músico, só pode criar quando tem *a cabeça cheia* de informação.

Um bom jeito de *esvaziar a mente* e organizar melhor minhas ideias que se atropelam em meio de tantas coisas que só faltam me enlouquecer de vez.

Na mesma ordem de ideias, quando precisamos do dito objecto, procuramo-lo dentro do recipiente ou tiramo-lo do recipiente:

Não podes conseguir fazer estes exercícios sem *puxar pela cabeça*.

Logo desatou a *puxar pela memória* para contar três ou quatro episódios da II Guerra.

O esquema de RECIPIENTE pode ser ligado ao esquema de CENTRO-PERIFERIA. Neste caso, no centro do recipiente vão encontrar-se as coisas mais importantes, e outras vão ser postas de lado:

Um pouco mais tarde, compreendi o que era a literatura e ganhei-lhe um tal respeito que *pus de lado* a ideia, que imaginara quando era pequeno, de fazer livros.

As intervenções arqueológicas naquele espaço *puseram de lado* a tese, [...], de que, [...], aquela seria a ala dos conversos.

Além disso, o mesmo esquema pode ser aproveitado na conceptualização de problemas que podem estar fechados dentro de um recipiente. Para resolvê-los temos que encontrar a chave ou ir até ao seu núcleo:

Os países da ASEAN têm *a chave para o problema*, facilitando o processo de diálogo e oferecendo garantias a uma paz duradoura em Timor.

Este é o verdadeiro *núcleo do problema* europeu.

3. Outras possibilidades da conceptualização da actividade mental

A actividade mental pode ser conceptualizada também de outras maneiras, nem só através do esquema de OBJECTO e das referências à manipulação. Apresentemos brevemente mais dois exemplos de metáforas que encontramos na língua portuguesa.

Os objectos, adquirindo traços de personificação, saem ou escapam do recipiente, muitas vezes independentemente das nossas intenções:

Veio-me à memória esta conversa ao ler o apanhado que a revista conservadora «Vida Nueva» acaba de fazer das últimas tomadas de posição de Ratzinger. De facto, quando marquei o golo na final, *passou-me pela cabeça*, como um relâmpago, que tudo aquilo era mentira. E por outro lado, tem lembranças que a gente sabe que vão *escapar da memória*. Álvaro de Carvalho, disse que essa hipótese «*tem pernas para andar*» e é um dos pontos previstos no Plano de Acção da Direcção dos Serviços de Saúde Mental.

Os pensamentos e os problemas apresentam-se aqui como seres independentes que podem vir e sair da nossa mente quando quiserem. O sujeito é mais passivo e, por isso, esta metáfora parece adequada para apresentar desculpas:

Escapou-me da memória tudo o que tinha estudado.

Podem citar-se ainda exemplos que justificam a presença da metáfora SABER É COMER, como no caso de *fome de saber*. Assim, na língua portuguesa usa-se o verbo *digerir* no sentido de 'estudar com proveito, entender' e o verbo *comer* que pode equivaler a 'acreditar em mentiras':

A dúvida pesa sobre o Conselho Europeu de Corfu, ameaçando fazer fracassar uma cimeira que terá de *digerir* os tristes resultados das últimas eleições para o Parlamento Europeu.

Os mercados *estiveram a digerir* uma série de más notícias e agora estão a respirar de alívio», comentou um operador britânico.

4. Conclusão

Na nossa análise tentámos mostrar que a conceptualização da actividade mental na língua portuguesa aproveita esquemas imagéticos como o esquema de OBJECTO, RECIPIENTE, CAMINHO, CENTRO-PERIFERIA e metáforas como p. ex. SABER É COMER ou SABER É VER. Naturalmente, não se mencionaram todos os casos o que não impossibilita que os resultados da nossa análise possam ser aproveitados para investigação mais aprofundada. Conseguimos mostrar que o objecto e a manipulação dele parecem ser domínios-fontes mais importantes na conceptualização da actividade mental. Seria muito interessante investigar as expressões idiomáticas do português com o objectivo de tentar encontrar os empréstimos, pois somos membros do mesmo círculo cultural onde as expressões, e não só elas, circulam entre as línguas ou provindo directamente do latim ou grego.

Streszczenie

Niniejsza praca ma na celu analizę konceptualizacji abstrakcyjnej domeny pojęciowej aktywności umysłowej w języku portugalskim. Głównym przedmiotem badań jest analiza leksemów i wyrażeń związanych z procesami mentalnymi, takimi jak przyswajanie informacji, ocenianie, rozwiązywanie problemów, etc. w celu wyjaśnienia motywacji semantycznej poszczególnych jednostek leksykalnych. W toku analizy wyodrębniono schematy wyobrażeniowe (np. schemat PRZEDMIOTU) oraz metafory pojęciowe (np. ROZUMIENIE TO WIDZENIE), na podstawie których sklasyfikowano korpus zgromadzonych przykładów. Badania potwierdziły fakt metaforycznego konceptualizowania wybranej domeny pojęciowej w języku portugalskim.

Bibliografia

- Busse, W. (1994), *Dicionário sintático de verbos portugueses*, Coimbra, Almedina.
- Casteleiro, J.M. (2001), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa, Verbo.
- Grandsaignes D'Hauterive, R. (1948), *Dictionnaire des racines des langues européennes*, Paris, Librairie Larousse.
- Kopka, S. (2002), "Rzucac" – co, czym, kto, kogo? *Studium znaczeniowe*, Kraków, Universitas.
- Kövecses, Z. (2005), *A metáfora*, Budapest, Typotext.
- Kumaniecki, K. (1995), *Słownik łacińsko-polski*, Warszawa, PWN.
- Jäkel, O. (2003), *Metafory w abstrakcyjnych domenach dyskursu – kognitywno-lingwistyczna analiza metaforycznych modeli aktywności umysłowej, gospodarki i nauki*, Kraków, Universitas.
- Matos Amaral, P. (2001), "Metáfora e Linguística Cognitiva", em: Soares da Silva, A. (ed.), *Linguagem e Cognição*, Braga, APL.
- Mineiro, A. (2005), *O Papel da Metáfora na Construção da Terminologia Náutica Portuguesa*, Lisboa, FLUL.
- Pleciński, J. (1998), *Dicionário idiomático português-polaco*, Poznań, Wydawnictwo Naukowe UAM.
- Śliwiński, A. (2005), *Słownik polsko-portugalski. Dicionário polonês-português*, Warszawa, Wiedza Powszechna.
- Taylor, J. R. (2002), *Gramatyka kognitywna*, Kraków, Universitas.

Fontes dos exemplos:

www.linguateca.pt.